

David Ebershoff

A GAROTA
DINAMARQUESA

Tradução de Paulo Reis

FABRICA231

Capítulo um

Sua esposa percebeu primeiro.

– Me faz um favorzinho? – perguntou Greta do quarto naquela primeira tarde. – Para me ajudar numa coisa aqui?

– Claro – disse Einar com os olhos na tela. – O que você quiser.

O dia estava frio, devido ao vento que soprava do Báltico. Eles estavam no apartamento da Casa da Viúva; Einar, que era franzino e estava prestes a fazer trinta e cinco anos, pintava de memória o mar de Kattegat durante o inverno. A água era negra e salpicada de branco; tinha um aspecto cruel, pois já fora o túmulo de centenas de pescadores que voltavam a Copenhague com o pescado já salgado. O vizinho do andar de baixo, um homem de cabeça pontuda que vivia xingando a mulher, era marinheiro; quando Einar pintava a curva de cada onda, imaginava o marinheiro se afogando, com a mão erguida em desespero e a voz de vodca ainda chamando a mulher de piranha de cais. Era para isso que ele escurecia a mistura de tinta: queria torná-la cinzenta o suficiente para engolir aquele marinheiro, para abafar os rosnados dele feito uma gosma, quando ele afundasse.

– Num minuto estou aí – disse Greta, mais jovem do que o marido e bonita, com um rosto largo e achatado. – E a gente pode começar.

Também sob esse aspecto, Einar era diferente da esposa. Ele pintava a terra e o mar – pequenos retângulos iluminados pela luz angulada de junho ou esmaecidos pelo fraco sol de janeiro. Greta pintava retratos, frequentemente em tamanho natural, de gente de

importância mediana com lábios rosados e reflexos na textura do cabelo. Gente como I. Glückstadt, o financista por trás do Porto Livre de Copenhague. Ou Christian Dahlggaard, o peleiro do rei. Ou Ivar Knudsen, sócio do estaleiro Burmeister & Wain. Aquele era o dia de Anna Fonsmark, mezzo-soprano da Ópera Real da Dinamarca. Diretores de empresas e magnatas industriais encomendavam a Greta retratos que eram pendurados em escritórios, por cima de arquivos ou ao longo de corredores arranhados por carrinhos de trabalhadores.

Greta apareceu no umbral.

– Tem certeza de que não se incomoda de parar um pouco para me ajudar? – disse ela com o cabelo puxado para trás. – Eu não pediria se não fosse importante. Mas Anna cancelou de novo. Você se incomoda de vestir as meias dela? – perguntou Greta. – E os sapatos?

O sol de abril brilhava por trás de Greta, filtrado pela seda que pendia inerte de sua mão. Através da janela, Einar podia ver a torre do Rundetarn, feito uma enorme chaminé de tijolos, e mais acima o avião do Deutscher Aero-Lloyd no seu retorno diário a Berlim.

– Como assim, Greta? – disse Einar. – Uma gota oleosa de tinta caiu do pincel em cima da sua bota. Edvard IV começou a latir, virando a cabeça branca alternadamente entre Einar e Greta.

– A Anna cancelou de novo – disse Greta. – Tem um ensaio extra de *Carmem*. Preciso de um par de pernas para o retrato dela, ou não vou conseguir terminar nunca. E pensei comigo mesma que as suas talvez servissem.

Greta aproximou-se dele, segurando na outra mão os sapatos amarelos com fivelas de latão. Usava um guarda-pó abotoado na frente, com grandes bolsos onde enfiava as coisas que não queria que Einar visse.

– Mas eu não posso usar os sapatos da Anna – disse Einar. Ao olhar para os sapatos, imaginou que talvez até servissem nele, pois seus

pés eram pequenos e arqueados, com calcanhares rechonchudos. Os dedos eram magros, com poucos pelos negros. Imaginou aquela meia enrolada deslizando sobre o osso branco de seu tornozelo. Sobre a pequena almofada de sua panturrilha. Prendendo-se ao gancho da liga. Então teve de fechar os olhos.

Os sapatos eram iguais aos que eles tinham visto na semana anterior na vitrine da Fannesbech, a loja de departamentos, em um manequim que trajava um vestido azul-marinho. Einar e Greta haviam parado a fim de admirar a vitrine, decorada com uma guirlanda de junquinhos. Greta dissera: “Bonito, não?” Como ele não respondeu, o reflexo de seus olhos arregalados no vidro, Greta precisou arrancá-lo da frente da vitrine da Fannesbech. Arrastou-o rua abaixo, passou pela tabacaria e disse: “Einar, você está bem?”

O aposento da frente do apartamento servia-lhes de ateliê. O teto era cruzado por vigas finas e abobadado feito um barco invertido. A maresia empenara as janelas, e o assoalho inclinava-se imperceptivelmente para oeste. À tarde, quando o sol batia na Casa da Viúva, um leve odor de arenque emanava das paredes. No inverno, as claraboias vazavam, e a umidade criava bolhas na pintura das paredes. Einar e Greta haviam colocado os cavaletes sob as duas claraboias, ao lado das caixas de tinta a óleo da Salathoff de Munique e das prateleiras de telas em branco. Quando não estavam pintando, cobriam tudo com umas lonas verdes que o tal marinheiro abandonara no patamar da escada.

– Por que você quer que eu ponha os sapatos dela? – perguntou Einar. Sentou-se na cadeira de assento de corda que viera do barracão da fazenda da avó. Edvard IV pulou no seu colo; o cão tremia por causa dos berros do marinheiro lá embaixo.

– Para o retrato da Anna – disse Greta. – Eu faria isso por você. – Havia uma marca de catapora, pequena e rasa, em sua bochecha. Ela coçou-a de leve; Einar sabia que ela só fazia isso quando estava ansiosa.

Greta ajoelhou-se para desamarrar as botas dele. Seu cabelo era comprido e amarelo, com uma cor mais dinamarquesa do que o dele; ela o prendia atrás das orelhas sempre que se engajava numa tarefa nova. O cabelo caiu-lhe por cima do rosto quando ela desatou o nó dos cordões das botas. Ela recendia a óleo de laranja, que a mãe lhe mandava de navio uma vez ao ano em frascos marrons com o rótulo de PURO EXTRATO DE PASADENA. A mãe achava que Greta assava bolos com aquele óleo, mas em vez disso ela passava-o de leve atrás das orelhas.

Greta começou a lavar os pés do marido na bacia. Lavava com suavidade e eficiência, passando a esponja rapidamente entre os dedos. Einar enrolou a calça mais para cima. Subitamente, achou que suas panturrilhas eram bem torneadas. Apontou o pé delicadamente, e Edvard IV foi lambe a água que gotejava do dedo mindinho, o qual era achatado e nascera sem unha.

– Isso vai ficar em segredo entre nós, Greta? – sussurrou Einar.
– Você não vai contar para ninguém, vai? – Estava assustado e excitado ao mesmo tempo, e o coração batia-lhe na garganta feito o punho de uma criança.

– Para quem eu contaria isso?

– Para Anna.

– Anna não precisa saber disso – disse Greta. Em todo caso, pensou Einar, Anna era cantora de ópera. Estava acostumada a ver homens usando roupas de mulher. E mulheres usando roupas de homens, o *Hosenrolle*. Era o disfarce mais antigo do mundo. E no palco da ópera isso não significava nada; era só uma confusão. Uma confusão que sempre se esclarecia no último ato.

– Ninguém precisa saber de nada – disse Greta. Einar, que se sentia como que iluminado pelo foco branco de um refletor, relaxou e começou a puxar a meia por cima da panturrilha.

– Você está pondo ao contrário – disse Greta acertando a costura. – Puxe devagar.

A segunda meia se rasgou.

– Tem outra? – perguntou Einar.

O rosto de Greta se imobilizou por um instante, como se ela acabasse de perceber algo; depois ela foi até uma gaveta no guarda-roupa de freixo. O guarda-roupa tinha um armário na parte superior, com um espelho ovalado na porta, e três gavetas com maçanetas de latão embaixo; Greta trancava a gaveta de cima com uma chave pequena.

– Essas são mais fortes – disse Greta, entregando a Einar o segundo par. Dobradas cuidadosamente e formando um quadrado, as meias pareciam a Einar um pedaço de carne humana: um pedaço da pele de Greta, bronzeada depois de férias de verão em Menton. – Por favor, tome cuidado – disse ela. – Eu ia usar esse par amanhã.

O cabelo repartido de Greta revelava uma faixa de pele branco-prateada, e Einar ficou imaginando o que ela estaria pensando ali embaixo. Com os olhos inclinados para cima e os lábios comprimidos, ela parecia estar concentrada em algo. Einar sentiu-se incapaz de perguntar; sentia-se quase amarrado, com um trapo sujo de tinta atado à boca. Ficou ali pensando sobre a mulher em silêncio, com um toque de ressentimento amadurecendo no rosto, que era pálido e liso, bastante parecido com a pele de um pêssego. “Você é um homem tão bonitinho”, dissera ela anos antes, ao ficarem sozinhos pela primeira vez.

Provavelmente Greta notou o desconforto do marido, porque estendeu as mãos, segurou-lhe as bochechas e disse:

– Isso aqui não significa nada. Quando você vai parar de se preocupar com o que as pessoas pensam?

Einar adorava quando Greta fazia essas declarações – agitando as mãos no ar e proclamando as próprias crenças como a fé do resto do mundo. Achava que essa era a característica mais americana dela, além da predileção que tinha por joias de prata.

– Ainda bem que você não tem muito pelo nas pernas – disse Greta, como que notando o fato pela primeira vez. Estava misturan-

do as tintas a óleo nas tigelinhas de cerâmica Knabstrup. Já terminara a metade superior do corpo de Anna, que anos de digestão de salmão amanteigado haviam soterrado sob uma fina camada de gordura. Einar ficara impressionado com a maneira com que Greta pintara as mãos de Anna segurando um buquê de lírios. Os dedos tinham sido cuidadosamente desenhados, com as juntas enrugadas e as unhas claras, porém opacas. Os lírios exibiam um belo tom branco-enluarado, com manchas de pólen enferrujado. Greta era uma pintora irregular, mas Einar nunca lhe dizia isso. Ao contrário, elogiava-a ao máximo, talvez até demais. Mas a ajudava sempre que possível, e tentava ensinar-lhe técnicas que achava que ela não conhecia, principalmente sobre luz e distância. Tinha certeza de que Greta se tornaria uma ótima pintora se algum dia encontrasse o tema certo. Uma nuvem se deslocou do lado de fora da Casa da Viúva, e um raio de sol caiu sobre o meio retrato de Anna.

Os modelos de Greta posavam sobre um baú laqueado, comprado da lavadeira cantonesa que passava por lá em dias alternados, anunciando-se não com um grito de rua, mas com o tinir de címbalos dourados.

De pé sobre o baú, Einar começou a sentir calor e tonteira. Baixou o olhar para as canelas e viu os poucos pelos que apareciam através da seda lisa, semelhantes à penugem diminuta de uma vagem. Os sapatos amarelos pareciam delicados demais para sustentá-lo, mas seus pés pareciam estar perfeitamente à vontade arqueados; era como se ele estivesse esticando um músculo caído em desuso. Algo começou a passar pela sua cabeça, fazendo-o pensar numa raposa à caça de camundongos: o fino focinho vermelho da raposa perseguindo o camundongo por entre os canteiros de uma horta.

– Fique parado – disse Greta. Einar lançou o olhar pela janela e viu a abóbada estriada do Teatro Real, onde ele às vezes pintava cenários para a companhia de ópera. Lá dentro, naquele momento, Anna ensaiava *Carmem* com os braços roliços elevados desafiadora-

mente, tendo como pano de fundo a arena de touros de Sevilha que ele pintara. Às vezes, quando Einar estava pintando no teatro, a voz de Anna elevava-se ali dentro feito uma cascata de cobre. Aquilo o fazia tremer tanto que seu pincel manchava o pano de fundo, e ele esfregava os olhos com os punhos. A voz de Anna não era bonita; era áspera e tristonha, um tanto gasta, estranhamente masculina e feminina ao mesmo tempo. Ainda assim, tinha mais vibração do que a maioria das vozes dinamarquesas, que frequentemente eram finas, esbranquiçadas e bonitinhas demais para empolgar a plateia. A voz de Anna tinha um calor latino; aquecia Einar, como se a garganta dela estivesse em brasa. Então, ele descia a escada no fundo do palco e ia até os bastidores: ficava vendo Anna, com a túnica branca de lã de cordeiro, abrir a boca quadrada enquanto ensaiava com o maestro Dyvik. Ela se inclinava à frente quando cantava; Anna sempre dizia que havia uma gravidade musical puxando seu queixo em direção ao fosso da orquestra. “Sempre vejo uma corrente fina e prateada, ligada à ponta da batuta do maestro e amarrada bem aqui”, dizia ela, apontando para a verruga que ostentava no queixo feito uma migalha de pão. “Sem essa correntinha, acho que eu não saberia o que fazer. Não saberia ser eu mesma.”

Quando Greta pintava, prendia o cabelo para trás com um pente de tartaruga; isso fazia seu rosto parecer maior, como se Einar estivesse vendo-o através de uma tigela de água. Greta era, provavelmente, a mulher mais alta que ele já conhecera; era tão alta que conseguia enxergar sobre as meias cortinas de renda que os residentes dos andares térreos penduravam nas janelas que davam para a rua. Ao seu lado Einar sentia-se pequeno, como se fosse seu filho, erguendo o queixo, lançando o olhar para seus olhos e esticando-se em busca de uma mão estendida. Aquele guarda-pó com bolsos enormes fora encomendado sob medida à costureira da esquina, a qual medira o peito e os braços de Greta com uma fita amarela, admirada e incrédula diante do fato de uma mulher tão grande e saudável não ser dinamarquesa.

Greta pintava com uma concentração flexível que Einar admirava. Conseguia retocar um reflexo no olho esquerdo do retrato, atender à porta, receber a entrega da Leiteria Busk e depois voltar sem esforço algum ao reflexo levemente mais esmaecido no olho direito. Cantava o que chamava de canções de acampamento enquanto pintava. Falava à pessoa que estava pintando de sua infância na Califórnia, onde os pavões faziam ninho nos laranjais do seu pai; falava às modelos femininas, como Einar certa vez entreouvira no topo da escada escura ao chegar em casa, dos intervalos cada vez maiores entre os momentos de intimidade deles. “Ele leva isso para um lado muito pessoal. Mas eu nunca jogo a culpa nele”, dizia, e Einar a imaginava prendendo o cabelo atrás das orelhas.

– Estão caindo – disse Greta, apontando o pincel para as meias.
– Puxe as meias mais para cima.

– Isso é mesmo necessário?

O marinheiro lá embaixo bateu a porta; fez-se um silêncio, quebrado apenas pelas risadinhas da mulher.

– Ora, Einar – disse Greta. – Quando você vai relaxar? – O sorriso desfez-se em seu rosto. Edvard IV entrou trotando no quarto e começou a fuçar as roupas de cama; depois soltou um suspiro de bebê bem alimentado. Era um cachorro velho que viera lá da fazenda em Jutland; nascera num pântano, e a mãe e o resto da ninhada haviam se afogado na turfa úmida.

O apartamento ficava no sótão de um prédio que o governo inaugurara no século anterior para as viúvas dos pescadores. Havia janelas que davam para o norte, o sul e o oeste, e, ao contrário da maioria dos prédios em Copenhague, havia espaço e luz suficiente para Einar e Greta pintarem. Eles quase foram para uma das vilas em Christianshavn, no outro lado do Inderhavn; vários artistas haviam se mudado para lá e se juntado às prostitutas e aos bêbados apostadores, perto das importadoras e fábricas de cimento. Greta dissera que podia morar em qualquer lugar, que nada era vagabundo

demais para ela; mas Einar, que passara os primeiros quinze anos de sua vida dormindo sob um teto de sapê, fora contra e descobrira aquele lugar na Casa da Viúva.

A fachada era pintada de vermelho, e o prédio ficava a um quarteirão do canal Nyhavns. As janelas se projetavam sob o íngreme telhado de cerâmica, enegrecido de musgo, e as claraboias ficavam quase na cumeeira. Os outros prédios da rua eram caiados, com portas almofadadas pintadas da cor de algas. Bem defronte deles morava um médico chamado Möller, que atendia partos de emergência à noite. Mas poucos automóveis trafegavam pela rua, que terminava num beco sem saída no Inderhavn e era tão silenciosa que se ouviria até o eco do gemido de uma menina tímida.

– Eu preciso voltar a trabalhar – disse Einar por fim, cansado de ficar de pé naqueles sapatos, cujas fivelas de latão o apertavam agudamente.

– Então você não quer experimentar o vestido dela?

Quando Greta pronunciou a palavra “vestido”, Einar sentiu um calor no estômago, seguido por uma sensação de vergonha que lhe veio subindo pelo peito.

– Não, acho que não.

– Nem por uns instantes? – perguntou ela. – Preciso pintar a bainha por cima dos joelhos dela. – Greta estava sentada na cadeira de assento de corda ali do lado, alisando-lhe a panturrilha através da seda. Aquela mão parecia hipnótica, e o afago mandava-o fechar os olhos. Ele ouvia apenas aquela unha raspando suavemente a seda, mais nada.

Mas, então, Greta parou.

– Não, desculpe. Eu não devia pedir isso.

Einar percebeu que a porta do guarda-roupa de freixo estava aberta, e que o vestido de Anna estava pendurado lá dentro. Era branco, com miçangas ao longo da barra e dos punhos. Uma das vidraças estava rachada, e o vestido balançava levemente no cabide.

Algo naquele vestido – o brilho opaco da seda, o peitilho de renda no corpete, as casas dos botões nos punhos, desabotoadas e escancaradas feito pequenas bocas – fez Einar ter vontade de tocá-lo.

– Gostou? – disse Greta.

Ele pensou em dizer não, mas seria mentira. Gostava do vestido, e quase podia sentir a própria carne amadurecendo embaixo da pele.

– Então vista isso só por alguns instantes. – Greta trouxe o vestido e ajustou-o no peito dele.

– Greta – disse ele –, e se eu...

– Tire a camisa.

E ele tirou.

– E se eu...

– Feche os olhos – disse ela.

E ele fechou.

Mesmo de olhos fechados, parecia-lhe obsceno ficar sem camisa na frente da esposa. Parecia que ela o pegara fazendo algo que prometera evitar – não como adultério, mas como a retomada de um velho hábito ao qual jurara renunciar, como beber aquavit nos bares do canal de Christianshavn, comer *frikadeller* na cama ou examinar o baralho de camurça com mulheres nuas, que ele comprara numa tarde solitária.

– E a calça – disse Greta. Estendeu a mão e virou polidamente a cabeça. A janela do quarto estava aberta, e a brisa com cheiro de peixe arrepiava a pele de Einar.

Rapidamente, ele passou o vestido pela cabeça e ajustou o regaço. Suava nas axilas e no meio das costas. O calor deixava-o com vontade de fechar os olhos e voltar aos seus dias de menino, quando aquilo que pendia entre suas pernas era pequeno e inútil feito um rabanete branco.

– Ótimo – disse Greta. Depois ergueu o pincel para a tela. Seus olhos azuis se estreitaram, como que examinando algo na ponta do nariz.

Ao postar-se sobre o baú laqueado, com a luz do sol movendo-se sobre seu corpo e o aroma de arenques no ar, Einar viu-se tomado por uma sensação estranha e aguada. O vestido estava folgado em todos os lugares, menos nas mangas, e ele sentia-se quente e submerso, como quem mergulha num mar de verão. A raposa estava perseguindo o camundongo, e havia uma voz distante na sua cabeça: o gemido suave de uma menininha assustada.

Einar começou a achar difícil manter os olhos abertos e continuar a observar os movimentos rápidos e dardentes de Greta; a mão dela lançava-se contra a tela e depois fugia, enquanto as pulseiras e anéis de prata giravam feito um cardume de carpas. Começou a ter dificuldade para continuar a pensar em Anna cantando no Teatro Real, com o queixo inclinado em direção à batuta do maestro. Só conseguia se concentrar naquela seda que envolvia sua pele como se fosse uma bandagem. Sim, foi essa a sensação que ele teve naquela primeira vez: a seda era tão fina e arejada que parecia uma gaze – uma gaze encharcada de bálsamo, e que jazia delicadamente sobre a pele em tratamento. Até o constrangimento de posar diante de sua esposa perdeu a importância, pois ela estava ocupada, pintando com uma intensidade absorta no rosto. Einar começou a penetrar num mundo sombrio de sonhos, onde o vestido de Anna podia pertencer a qualquer um, até a ele. E assim que suas pálpebras ficaram pesadas e o ateliê começou a esmaecer, assim que ele suspirou e deixou os ombros caírem, assim que Edvard IV começou a roncar, a voz de cobre de Anna ressoou no quarto.

– Vejam só o Einar!

Einar abriu os olhos. Greta e Anna apontavam para ele com os rostos alegres e os lábios entreabertos. Edvard IV começou a latir diante dele. E Einar Wegener não conseguiu se mexer.

Greta tomou de Anna um buquê de lírios, presente de um fã na porta do teatro, e enfiou-o nos braços de Einar. Com a cabeça erguida feito um pequeno clarinetista, Edvard IV corria em torno dele,

tentando protegê-lo. As duas continuaram a rir, e Einar revirou os olhos, que se encheram de lágrimas. Sentia-se mortificado pelas risadas e pelo perfume dos lírios, cujos pistilos cor de ferrugem estavam manchando de pólen o regaço do vestido, aquele volume escandaloso em sua virilha, as meias e suas mãos abertas e úmidas.

– Tu é uma piranha – disse com ternura o marinheiro lá embaixo. – Tu é uma piranha bonita pra diacho.

O silêncio que se fez no andar inferior sugeria um beijo de perdão. Nesse momento, ouviu-se uma risada ainda maior por parte de Greta e Anna, e, quando Einar ia pedir-lhes que saíssem do ateliê para deixá-lo trocar de roupa em paz, Greta disse num tom de voz suave, cuidadoso e nada familiar:

– Por que não chamamos você de Lili?